



* Doutor em e Pós-Doutor em Estudos Literários pela PUC-Rio. Diretor de Pesquisas do Colégio Naval (Marinha do Brasil) e Professor Adjunto de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia de Campo Grande (RJ)

O Itinerário Espiritual de Alceu Amoroso Lima Deserto e Êxtase da Fé

Alceu Amoroso Lima's Spiritual Itinerary
Desert and Faith's Ecstasy

*Leandro Garcia Rodrigues**

Resumo

O presente artigo tem por objetivo demonstrar um pouco da trajetória espiritual de Alceu Amoroso Lima (1893-1983), a principal liderança leiga católica em terras brasileiras ao longo do séc. XX. Vítima da forte tendência agnóstica e cientificista do início daquele século, Alceu redescobriu a religião como fonte de vida e (re)converteu-se à fé católica, tudo isso sofrendo a forte influência de dois grandes intelectuais católicos daquela época: o escritor Jackson de Figueiredo e o teólogo Pe. Leonel Franca. Com estes (e consigo próprio), Alceu travou uma verdadeira “batalha espiritual” ao longo de seis anos, quase ininterruptos, de Correspondência diária, redefinindo a própria natureza e a função do Gênero Epistolar. Esta pesquisa acompanha os “caminhos desérticos” enfrentados por Alceu para o seu reencontro com Deus, as dúvidas e as certezas, os erros e os acertos, bem como avalia os meandros próprios de qualquer um que, verdadeiramente, se converta e faz da fé uma nova experiência de vida.

Palavras-chave: teologia; literatura; espiritualidade; conversão.

Abstract

This paper aims to show a little bit of Alceu Amoroso Lima's (1893-1983) spiritual trajectory, the mainly catholic leadership in Brazil throughout XX century. Amoroso Lima was a victim of the Agnosticism lived in the beginning of that century, exactly when he rediscovered religion as a source of life and turned into Catholicism. All these changes happened during his strong friendship with two important intellectuals of that time: the writer Jackson de Figueiredo and the theologian Father Leonel Franca. Amoroso Lima kept a non-stopping Correspondence with them, and then faced a kind of "spiritual battle" through six years, giving another significance to the Epistolography as a literary gender. This research follows the "desertic paths" faced by Amoroso Lima up to his final meeting with God, the doubts and certainties, faults and lucky hits, specially in the peculiar difficulties of those who believe in God.

Keywords: theology; literature; spirituality; conversion.

Introdução

Desde o seu aparecimento, nas páginas de *O Jornal*, em 1919, até os dias de hoje, Alceu Amoroso Lima (ou Tristão de Athayde) é sinônimo de erudição e testemunho das transformações culturais pelas quais a Literatura Brasileira passou durante o século XX. O nome verdadeiro ou pseudônimo, juntos, separados ou confundidos – ambos nos remetem à pessoa e à obra deste intelectual que ajudou a pensar e realizar o Modernismo brasileiro. Com defeitos ou não, errando ou acertando, perseguido ou perseguidor, enfim, Alceu Amoroso Lima.

Mas falar de Alceu é realmente complicado e desafiador. Ele teve várias faces: crítico literário, crítico cultural, poeta bissexto, professor, ensaísta, advogado, filósofo, teólogo e outras mais. Estas para ficar apenas no campo profissional, fora outras da sua dimensão pessoal. Daí a dificuldade: o que escolher? Que aspecto deve ser mais analisado? Em qual dessas múltiplas faces apoiar a nossa pesquisa para este trabalho? Optamos em falar um pouco do início da sua vida pública como intelectual da Literatura e pensador católico: o difícil momento da sua conversão ao Catolicismo. Abordaremos os fatos mais relevantes da trajetória amorosiana, desde antes da sua conversão até o seu pleno amadurecimento na fé, passando pelas inúmeras mudanças que a Igreja sofreu ao longo do século XX.

Alceu em suas cartas ou textos memorialísticos sempre ressaltava que recebera educação católica, embora sua família não fosse tão assídua na religião. Mas ainda assim foi devidamente catequisado e fez sua Primeira Eucaristia, como mandava o figurino das boas famílias burguesas. Todavia, foi vítima do agnosticismo que reinou durante a *Belle Époque*. Provou o gosto do Cientificismo e do Positivismo que dominavam boa parte do pensamento brasileiro naquele momento levando-o, como consequência, ao abandono do Catolicismo e da própria fé que professava. Alceu sempre lembrava que esta situação foi comum à sua geração, todos vítimas de um pensamento filosófico que não admitia a existência de Deus e a ação da Igreja, principalmente nos meios acadêmicos.

Tal estado de espírito permaneceu aguerrido durante as duas primeiras décadas do século XX. Em 1922, Alceu conheceu Jackson de Figueiredo. Este já se convertera ao Catolicismo depois de conhecer a filosofia mística de Farias Brito e foi devidamente acompanhado nos seus questionamentos pelo Cardeal Leme e pelo Padre Leonel Franca, outro grande intelectual do meio católico. Alceu travou com Jackson uma correspondência ininterrupta de seis anos, com cartas quase diárias, curtas ou caudalosas.

Com isso, vamos acompanhar a tumultuada *via crucis* que foi a reconversão (como ele gostava de chamar) de Amoroso Lima à Igreja. Nestas cartas, emergem as complexas personalidades de Jackson e Alceu. O primeiro fazendo experiência de uma fé militante, combatente, por isso mesmo cognominado de “o cangaceiro da Igreja”. O segundo, sempre na busca, virado do avesso pelas ideias de Jackson e pela filosofia cristã de Bergson, Péguy e Maritain. A troca de missivas foi ininterrupta até à Eucaristia que Alceu recebeu do Padre Franca, em agosto de 1928, simbolizando a sua definitiva volta ao seio da Madre Igreja.

Ao propormos falar do itinerário espiritual deste grande intelectual, as melhores palavras foram aquelas utilizadas no título deste trabalho – deserto e êxtase – não como paradoxos conflitantes, mas como categorias que se complementam, que caminham juntas e refletem as diferentes naturezas espirituais daqueles que caminham em busca do Infinito.

1 – Antes da Conversão – Permanências e Rupturas

Para entendermos melhor a trajetória espiritual e intelectual de Tristão de Athayde, é impossível não falar do seu retorno ao Catolicismo, ocorrido por influência direta de Jackson de Figueiredo, em agosto de 1928. A este respeito, é o próprio Alceu quem lembra¹:

A minha conversão se fez contra a minha vontade. Por quê? Porque eu temia, me convertendo, a perda da liberdade. Daí ter levado quatro anos meu debate a respeito com Jackson de Figueiredo. Pela ortodoxia católica, converti-me pela Graça Divina. Mas desde o princípio sabia que ia ser duro. O fato é que encontrei na Igreja mais liberdade do que esperava, mas também mais dureza do que se pensa. O meu choque foi ter que enfrentar esse problema. A conversão, antes de me afastar dos problemas políticos e sociais, me levou a neles aprofundar ainda mais a minha consciência.

Não podemos compreender um processo de conversão apenas do ponto de vista de uma “escolha que foi feita”, é algo mais existencial, transcendental, que convulsiona o todo da pessoa, obrigando-a a um largo questionamento a respeito da vida e dos próprios objetivos e a faz provar uma certa sensação de “deserto”, de secura espiritual em busca de algo que lhe preencha o ser. Esta busca é sempre penosa, difícil, onde a pessoa se depara com inúmeros dramas pessoais, espirituais e até intelectuais. O mais importante deles é, sem sombra de dúvida, a perda da própria fé e como tal fato se engendra, a este respeito lembra Alceu nas suas *Memórias Improvisadas*²:

De 1908 a 1928 me fui afastando de toda a prática religiosa, abandonando as minhas tênues convicções a este respeito. Comecei a perder a fé quando deixei o Ginásio e ingressei na Faculdade de Direito. Logo depois (1909) fazia a minha segunda viagem à Europa (a primeira em 1900 com seis anos), o que me obrigou, para não perder o ano escolar, a realizar exames de segunda época. Na verdade, não sei dizer com precisão qual o fato substancial que me induziu a abandonar a religião. Creio que a melhor explicação para isto se deve às próprias condições em que se formou a minha geração. Mas,

1. LIMA, *Memórias Improvisadas – diálogos com Medeiros Lima*, p. 117.

2. Idem, p.33.

no meu caso particular, se quiser dar um símbolo, creio que posso dizer que foi o professor Silvio Romero, meu mestre de Filosofia do Direito, no primeiro ano da faculdade, quem mais fortemente contribuiu, na época, para o meu agnosticismo.

A transição dos séculos XIX e XX presenciou um profundo sentimento de relativismo religioso, ou mesmo um ateísmo militante por parte de inúmeros cientistas e intelectuais de um modo em geral. Tal fenômeno foi dominante na Europa, sobretudo na França e de lá chegou com toda a força à intelectualidade brasileira, tamanha era a influência ideológica exercida pela cultura francesa sobre a brasileira.

A Igreja Católica na França sofreu, após a Revolução Francesa, uma enorme crise identitária e estrutural. Considerada a “segunda filha da Igreja”, depois apenas de Roma, a Igreja daquele país viu suas estruturas ruírem ao longo do século XIX, principalmente após a perseguição religiosa por Napoleão e continuada por alguns dos seus sucessores. Um importante teólogo dominicano deste momento foi o Pe. Lacordaire, que foi impedido pela justiça francesa de ingressar no Noviciado de Saint Jacques, onde São Tomás de Aquino viveu. Como reação a este ato ditatorial, Lacordaire fez um histórico discurso no púlpito da Notre Dame denunciando o fato de que o ideal de “Liberdade” da Revolução Francesa fora totalmente esquecido pelo próprio regime que o instaurou. Aliada a tal fator, a tradição iluminista é considerada uma importante permanência, especialmente através dos meios universitários e intelectuais de uma forma em geral.

Sendo Paris considerada a Cidade Luz, o “umbigo cultural” do mundo civilizado, é normal o já conhecido movimento acadêmico no qual as mentes pensantes se dirigiam até lá para divulgarem suas idéias. Intelectuais de diferentes países encontravam nas universidades francesas o local adequado para transmitirem suas opiniões e de lá tais conhecimentos eram refletidos a outros lugares, particularmente ao Brasil. A intelectualidade brasileira era voraz em acompanhar a ordem do dia da capital francesa, fosse através de publicações ou mesmo pessoalmente, como é o caso de Alceu, que freqüentou diversos cursos no Collège de France.

Todavia, antes dele, outros também fizeram o mesmo, como é o caso de

Silvio Romero, citado pelo próprio Alceu como o principal responsável pelo seu agnosticismo. Romero era um forte entusiasta das teorias de Spencer, defendendo veementemente as leis evolucionistas propostas por este cientista e por Charles Darwin. Ora, sabemos que o Evolucionismo é frontalmente contrário ao Criacionismo defendido pela doutrina cristã, fortalecendo ainda mais o clima científicista que reinava naquele momento. Deus deixou de ser uma certeza e passou a ser a possibilidade para alguns, assim como a total loucura para outros.

Alceu lembra que o “spencerianismo era considerado a filosofia natural, uma filosofia agnóstica. E foi este agnosticismo que dominou a todos nós no princípio do século”³. Contudo, essas teorias contrárias à Igreja não eram as únicas, conviviam com outras que defendiam não apenas a liberdade religiosa, mas uma escolha firme e apologética da fé católica, como afirma o próprio Alceu⁴:

Em 1913 voltei pela terceira vez à Europa. Por essa ocasião, freqüentei na França os cursos de Bergson, então no apogeu da fama, como em 1903 os haviam freqüentado Péguy e Maritain. Aquele iria morrer em 1914 e Maritain seria, no futuro, o meu mestre, orientando de longe a minha conversão. A verdade é que esse curso, com toda a presença mundana, em que cientistas e irmãs de caridade se misturavam, sentados pelo chão, dada a falta de espaço, com cavalheiros e damas da mais alta sociedade européia, teve sobre mim uma extraordinária influência. Passei do evolucionismo naturalista spenceriano ao evolucionismo criador bergsoniano. Tanto Spencer como Bergson partem da primazia do tempo. Apenas, em Spencer há o predomínio da natureza física. A grande novidade de Bergson era conceder a primazia ao espírito, teoria largamente exposta em seu livro *L'Evolution Créatrice*, de 1907. Começou então minha marcha no sentido do Ser, do dinâmico para o estático, do vir-a-ser para o ser, do móvel para o imóvel, do tempo para a eternidade.

A filosofia de Henri Bergson exerceu forte influência na França, especialmente no período entre 1900 e 1920. O ponto máximo de seu pensamento se situa na intenção de libertar-se do racionalismo e científicismo do fim do século

3. Idem, p.34

4. Idem.

XIX, bem como no interesse pela existência e força criadora do espírito. Tal direcionamento encontrou nos questionamentos de Alceu um terreno fragmentado e poroso, onde o intelectual vai tentar preencher os seus diferentes vazios com tais filosofias, numa busca constante por aquilo que Bergson chamava de o “elã vital”, o que para um crente, é a própria força criadora de Deus que atua de forma dinâmica na constituição dos seres, isto é, na própria vida. Em entrevista a Medeiros Lima, Amoroso Lima esclarece como o pensamento daquele filósofo o influenciou⁵:

Em lugar do evolucionismo, baseado num determinismo materialista, como predominância da natureza física e da evolução biológica, havia um evolucionismo, isto é, uma sucessão dos acontecimentos no tempo, mas marcado por uma predominância dos fatores espirituais. [...] E com isto Bergson criava uma espécie de abertura para a metafísica, tão maltratada pelos positivistas e naturalistas, que a consideravam acientífica e afilosófica. Eis como através de um evolucionismo naturalista, seguido de um ceticismo agnóstico, no fim de meu curso e no fim da Belle Époque, chegue à redescoberta da importância substancial dos valores do espírito. Bergson, meu velho mestre de então, ao se aprofundar na metafísica terminou se aproximando do Catolicismo.

A filosofia bergsoniana exerceu forte influência sobre a Teologia produzida na primeira metade do século XX, especialmente naqueles teólogos que buscavam resgatar um novo “sentido para Deus” num contexto histórico-cultural que pregava a não existência do mesmo. A maioria dos intelectuais (re)convertidos à fé católica teve Bergson como leitura obrigatória para esta “passagem”, para este retorno à Igreja. Em 1927, o Prêmio Nobel de Literatura foi dado a Henri Bergson. Morreu em Paris, em 1941.

Outro reconhecimento feito por Alceu foi em relação às influências recebidas da obra de Charles Péguy. Este foi uma figura diferente no contexto intelectual francês no início do século XX. Soube, como poucos, unir sua profunda fé cristã com ideais socialistas e uma vasta criação artística (teatro e poesia), o que provocou uma espécie de “paixão” por parte da intelectualidade católi-

5. Idem, p. 58.

ca de tendência progressista e esquerdista. Em 1900 fundou a revista *Cahiers de la Quinzaine*, periódico que muito fomentou os debates acerca da relação materialismo versus espiritualidade. A principal tese de Péguy sustentava ser absolutamente possível unir valores tradicionalmente opostos, como o efêmero e o transcendental, a matéria e o espírito. Certamente, com que Amoroso Lima mais se identificou com o filósofo francês foi o fato de que este nem sempre foi um “entusiasta da fé”. A respeito dele, afirmou Alceu⁶:

Foi justamente nos *Cahiers de la Quinzaine* que se operou sua grande transmutação. Seu socialismo era de índole sentimental e mística. Nada tinha a ver com o socialismo que a França herdara de Proudhon, o grande adversário de Marx. Toda a sua concepção social baseava-se numa transformação profunda e interior do homem. Filho do povo, acreditava em suas virtudes, em sua mística, na herança de uma convergência da graça divina. Era aí que seu socialismo deitava raízes, um socialismo extremamente humano, ligado ao ser humano, ao destino da pessoa humana. Péguy era filho desse socialismo utópico, filho do humanismo do povo, com o qual convivera na sua infância.

Péguy não teve educação católica, seu pai era um ferrenho ateu, sindicalista, agitador social e diversas vezes foi preso pela polícia francesa. Entretanto, tal tendência se modificou radicalmente em 1908, quando o filósofo se converteu ao Catolicismo e passou a ser um defensor ardoroso desta doutrina e de sua Tradição. Na sua versão de *Joana D’Arc* (1910), tal fato fica muito evidente, tamanha é a “canonização” que sua personagem sofre, sendo transformada em verdadeira mártir “moderna” da causa francesa. Ou então num dos seus tantos livros de poesia, como *O Mistério dos Santos Inocentes* (1912), antologia de poemas claramente religiosos e apologéticos.

Contudo, para este poeta e pensador, a conversão não significou radicalismo ideológico dentro das trincheiras da religião, pelo contrário, Péguy convidava intelectuais de diferentes tendências, inclusive ateus, para o debate no *Cahiers de la Quinzaine*, como afirma Alceu nas suas *Memórias Improvisadas*⁷:

6. Idem, p.166.

7. Idem p. 169.

Péguy era um poeta. Como socialista foi pouco a pouco verificando que era mais poeta do que político. *Cahiers de la Quinzaine* começou sendo uma revista política para uma revolução socialista. Mas aos poucos foi percebendo que a sua vocação não era sobretudo política mas sobretudo poética. Assim é que ao longo dos *Cahiers* assistimos à conversão lenta, interior, de uma passagem da primazia do político para a primazia do poético. Foi uma passagem do socialismo para o cristianismo histórico.

Amoroso Lima via este filósofo como modelo do “novo intelectual” – aberto ao diálogo, flexível, porém com a sua fé firmemente estruturada e definida. Charles Péguy se alistou de forma voluntária no exército francês quando estourou a Primeira Guerra. Por essa razão, morreu em 1914, numa das tantas batalhas deste conflito. Sua última contribuição intelectual foi um artigo, no seu periódico, defendendo a filosofia de Bergson e condenando veementemente o tradicional Método Científico para a análise ontológica do Homem e de sua história.

Nesta tentativa de traçar as influências filosóficas que foram determinantes não apenas na conversão de Alceu, mas em todo o seu “apostolado” intelectual a artístico, certamente a principal destas foi exercida por Jacques Maritain. Tido como um dos principais intérpretes do neotomismo, Maritain rejeitava esse nome para caracterizar seu pensamento, preferia apenas o termo Tomismo para se referir à filosofia de São Tomás de Aquino e à sua própria.

Nasceu em Paris, em 1882, de família protestante. Contudo, em 1906, se converteu ao Catolicismo, após um ano sendo aluno de Bergson no Collège de France, quando se aprofundou no estudo da *Suma Teológica*. Formou-se em Filosofia e lecionou esta mesma disciplina no Instituto Católico de Paris, entre os anos 1914 e 1939. Defendeu a primazia de Deus e do “humanismo integral” na análise da condição humana, especialmente no seu livro *De Bergson a Tomás de Aquino* (1944); para ele, o verdadeiro humanismo era aquele capaz de fazer florescer no âmago do ser humano todas as suas virtudes, que lhes são próprias enquanto filhos de Deus.

Maritain defendia a idéia de uma democracia social cristã, acreditando na

relação existente entre o Cristianismo e os ideais democráticos. Para o humanista, a política tem por função alcançar o bem comum da população, sem privilegiar determinadas classes, assegurando o equilíbrio econômico-social. O essencial é democratizar os benefícios sociais fazendo das riquezas econômicas não um fim em si, mas um meio de promover a construção de uma sociedade justa. Amoroso Lima reconhece a presença de Maritain na sua práxis intelectual⁸:

A influência de Jacques Maritain passou a ser em mim de novo tipo, uma influência caracterizada pela tendência democrática e liberalizante do pensamento católico, tido pelo direitismo como heterodoxo e até apóstata.

Nunca propôs uma sociedade igualitária como aquela pleiteada pelos comunistas, mas acreditava nas políticas sociais que respeitassem as diferenças individuais. Para Jacques Maritain, a justiça social se fundamenta numa igualdade cristã, principalmente na ética proposta por Jesus Cristo no Sermão da Montanha. Por isso, urge a necessidade de uma “nova cristandade”, não mais sacralizada (no sentido medieval), mas aberta a valores num sentido pluralista e democrático, como ele propõe neste fragmento⁹:

A Sabedoria Cristã não nos propõe voltar à Idade Média, mas convida-nos a andar para frente. A civilização da Idade Média, com efeito, por mais bela e grande que tenha sido, e certo, a mais bela nas lembranças depuradas da história do que na realidade vivida, ficou bem longe de realizar plenamente a noção cristã de civilização. Esta noção opõe-se ao mundo moderno, à medida que este é inumano, mas não à medida que o mundo moderno, não obstante tudo que lhe falta em qualidade, comporta em crescimento real da história, a concepção cristã da cultura não lhe é oposta. Ao contrário, ela gostaria de salvar e reconduzir à ordem do espírito todas as riquezas de vida que o mundo moderno contém.

Todos esses fatores seduziram profundamente Amoroso Lima, ele é parte integrante desta nova maneira de ser cristão, de ser fermento, de atuar decisivamente munido de ferramentas poderosas como a ideologia e a espiritualidade. Entretanto, para que Alceu pudesse, de fato, exercer seu “ministério” de

8. Idem, p.147.

9. MARITAIN, **Religião e Cultura**, p.47.

forma mais ordenada e firme, faltava-lhe aquele importante diferencial: o reencontro definitivo com a sua fé através de sua conversão e apaixonada adesão às fileiras de combate da Igreja.

2 - O (re)encontro com Deus

Falar da conversão de Alceu (ou reconversão, como ele gostava de dizer) é uma tarefa complexa, especialmente por tudo o que envolveu tal fato na sua vida e nas suas escolhas daí em diante. Outro problema é a idéia de conversão em si, situação difícil que não quer dizer apenas uma troca religiosa ou mesmo o abraçar de um novo credo. Pode-se dizer que a conversão é uma espécie de divisor de águas na vida do convertido e isto é claramente reconhecido na trajetória de Alceu Amoroso Lima.

Em vários depoimentos e em todos os seus livros de memórias, Alceu sempre lembrava da grande importância do amigo Jackson de Figueiredo neste episódio, ocorrido precisamente no dia 15 de agosto de 1928. Foi com Jackson que Alceu travou um dos mais interessantes diálogos epistolares da nossa Literatura, inteiramente dedicado à problemática de converter-se ou não ao Catolicismo. As cartas que ambos trocavam eram escritas diariamente, salvando-se poucas exceções, chegando algumas a serem escritas em momentos diferentes de um mesmo dia.

Como acontece com a maioria dos ávidos pela epistolografia, ambos não tinham grandes contatos pessoais. Jackson vivia em São Cristóvão, enquanto Alceu morava no Flamengo e ambos trabalhavam no Centro do Rio de Janeiro. Segundo o próprio Alceu, os encontros eram raros, aconteciam principalmente nos cafés e nas livrarias do Centro da então Capital da República. Frente a frente, os mesmos não tinham tanto a dizer como era narrado através da prática epistolar.

Tal fato foi denunciado diversas vezes por Mário de Andrade, certamente o maior missivista da Literatura Brasileira. Numa carta a Murilo Miranda, em 17 de janeiro de 1940, Mário afirmou: “Sei me abrir nas cartas, mas não sei, em

corpo presente confessar minhas franquezas”¹⁰. Outro caso típico envolvendo Mário e seus correspondentes diz respeito a Manuel Bandeira, com quem o poeta paulista trocou perto de quinhentas cartas, algumas gigantescas com mais de dez páginas, porém quando Mário residiu no Rio de Janeiro foram raras as vezes que se encontrou com Bandeira, levando este a afirmar, numa carta de 16 de dezembro de 1925: “Há uma diferença grande entre o você da vida e o você das cartas. Parece que os dois vocês estão trocados: o das cartas é que é o da vida e o da vida é que é o das cartas”¹¹.

Neste caso, é possível afirmar que um outro “eu” foi se estruturando ao longo das trocas epistolares, compondo um quadro imaginário paralelo ao real; além disso, a estruturação desse “eu” é sempre intencional do ponto de vista de quem escreve, pois toda a escrita de uma carta é intencional, o remetente o faz propositadamente e sempre com uma intenção previamente concebida, são práticas produzidas e embasadas num discurso que não é neutro, tendendo legitimar ou justificar escolhas, posições e condutas num determinado contexto.

Numa carta a Jackson, de 4 de fevereiro de 1928, Alceu afirmou: “Cada vez estou mais convencido de que um homem é o que são suas cartas”¹². De fato, ambos se lançam num diálogo epistolar no qual a principal personagem é a conversão de Alceu, ou pelo menos tudo o que fosse necessário para que tal transformação acontecesse. Foi com Jackson que Alceu partilhou as descobertas filosóficas e todas as dúvidas suscitadas a partir de então. Mas acima de tudo, essas cartas demonstram um sentimento de desconforto que é provocado em Alceu desde o momento em que ele se abre à possibilidade de retornar à fé católica.

Há um antes e um depois claramente definidos, pois o processo de conversão de Alceu foi lento e difícil, aconteceu aos poucos, etapa por etapa, leitura após leitura, depois de muito questionamento. Esse modo gradativo de reconsiderar sua fé fica bem claro quando lemos sua correspondência com Jackson. Entretanto, em certos momentos, Alceu beira o desespero com tantas dúvidas e

10. ANDRADE, *Cartas de Mário de Andrade a Luis da Câmara Cascudo*, p.55.

11. *Ibidem*, *O Empalhador de Passarinho*, p.110.

12. LIMA; FIGUEIREDO, *Correspondência – Harmonia de Contrastes*, p.320.

medos, sem mesmo saber o que fazer, é quando o amigo lhe aconselha¹³:

Não tenho natureza para compreender um drama como o que estou vendo desenrolar-se. Você não deve renunciar a uma só das amarguras que aí vem, e deve esperar como se você se sentisse integralmente o mesmo homem que era dantes. É esta a hora da inteligência. Virá a hora da consciência. Resista na posição que Deus lhe deu no mundo, como se ainda fosse digno dela. E a dignidade se reparará. Não tenha medo do sofrimento, porque se você sofre é que, no fundo, Deus ainda quer salvá-lo. Deus o ama ainda.

Jackson era sempre persuasivo quando trata da relação de Deus com os seus filhos, particularmente Alceu. É comum o uso de afirmações contundentes e de efeito: “Deus ainda quer salvá-lo. Deus o ama ainda”; onde o advérbio “ainda” exerce uma espécie de continuidade do plano da salvação de Deus para com certos filhos desgarrados. Deus não desiste, não esquece e está sempre à espera, assim como aquele pai na parábola evangélica do filho pródigo. Por isso o conselho de Jackson de que Alceu não deveria renunciar a qualquer dor advinda, entendendo por dor todo o turbilhão que certamente este passou até decidir-se definitivamente pelo Catolicismo. Daí as diferentes horas da inteligência e da consciência, ou seja, o homem deve ser suficientemente inteligente para perceber que sem Deus ele não é nada; e, logo após sentir esta verdade, ele deve ter a consciência de render-se à graça divina.

Esta é a dinâmica da Teologia Mística no que diz respeito à conversão de qualquer indivíduo, e Jackson tinha clareza do que estava afirmando, pois ele também tinha passado por tudo isso anos antes, quando se converteu. É desta forma que a Igreja trata das infindáveis conversões ocorridas ao longo da sua história: a conversão é um ato de inteligência do homem e de misericórdia de Deus. Misericórdia, pois Deus preenche o que falta na natureza humana, dá sentido ao estado nadificado no qual muitos se encontram, como afirma o próprio Jackson¹⁴:

13. *Idem*, p. 208.

14. *Idem*, p.208.

Que nos diz, em última análise, o Tomismo: que salvar-se é persistir em si mesmo, isto é, conforme a natureza que Deus definiu em cada um de nós, e perder-se nada mais é que deixar-se cair para fora desse traçado, o que leva ao nada, porque fora do que foi criado por Deus não há nada, e o inferno é, filosoficamente, o nada, o que não impede de religiosamente ter-se do nada uma visão por assim dizer material, o que não impede que, na realidade, o inferno seja, em tormentos eternos, uma “figura” do nada.

Inevitavelmente, essa nadificação provoca inumeráveis rupturas, especialmente na situação específica de Alceu, cuja conversão foi prolixa e “pensada” a cada instante, daí que a principal sensação é a de solidão. Em carta de 9 de agosto de 1927 a Jackson, Alceu revela um forte sentimento de vazio que atormentava o seu espírito já convulsionado pelas dúvidas¹⁵:

Você, dizia eu, luta contra o que tem de mais elevado em si. Mas eu luto contra o que tenho de mais baixo. Você luta contra um temperamento de revolucionário. Eu luto contra um temperamento de burguês. [...] Tenho uma posição de fatura que me permite viver sem preocupação (de momento) alguma de dinheiro, abominável dinheiro. Fiz um pequeno nome literário. Tenho tudo, tudo, tudo que um homem normal pode desejar na vida. [...] Entretanto, sinto-me num beco sem saída. Sinto-me ferido de morte. Sinto-me velho. É exato. Sinto-me sem força. Sinto-me esgotado. [...] Juro-te que se Deus existe em qualquer parte do universo, ou em todo o universo, aqui ao meu lado ou dentro de mim, ou no Calvário, juro que se Ele pode acaso ouvir a minha prece, a minha blasfêmia dirá você, só uma coisa lhe peço: a loucura ou a morte.

No caso de Alceu, este deserto durou quatro anos de intensa troca epistolar com Jackson. O estado em que Alceu demonstra estar não é uma hipérbole do seu discurso epistolar, é semelhante ao que encontramos nos diários e nas cartas de diversos santos e místicos da Igreja ao longo dos séculos. A correspondência de Santa Inês de Praga e sua irmã Santa Clara é um bom exemplo. Clara entrou bem jovem para a vida de clausura, definindo desde cedo a sua vocação religiosa, o que não aconteceu com Inês, que esperou os filhos ficarem adultos e o marido falecer para decidir, ainda assim com dificuldades, pela

15. *Idem*, p. 137.

vida num convento. O fato é que Inês não precisou se converter, pois era uma católica praticante, mas a possibilidade de viver num monastério corroeu-lhe a alma durante um bom tempo, provocando-lhe imensa dúvida quanto à correta decisão a ser tomada. Tudo isso foi bem narrado através da longa troca de cartas das duas irmãs. Por essas razões compreende-se o desespero de Alceu: *a loucura ou a morte*.

E por falar em morte, é interessante ressaltar que Alceu pensou, pelo menos uma vez, em cometer suicídio. Três anos antes de sua morte, em 1980, o Brasil recebeu o papa João Paulo II em sua primeira visita às nossas terras. Quando passou pelo Rio de Janeiro, um dos compromissos papais foi um encontro com intelectuais na Academia Brasileira de Letras. João Paulo II foi recebido por Alceu Amoroso Lima e Austregésilo de Athayde, após o discurso do pontífice e dos cerimoniais próprios desta visita, o almoço ocorreu na Casa do Sumaré, residência oficial do Cardeal-Arcebispo do Rio; lá pôde Alceu, de forma descontraída, contar ao papa uma das suas experiências anteriores à sua conversão¹⁶:

Pedi licença, então, para contar um rápido episódio dos meus 19 anos de idade, ocorrido em Veneza, em fevereiro de 1913. Sentado a sós, numa mesa do Hotel Danieli, tendo já perdido a Fé e saturado de leituras contraditórias, como bom filho da belle époque, apoiiei a face em minhas mãos, dizendo de mim para comigo: se não encontro sentido algum para a vida, para que viver? E um quase invencível impulso respondeu dentro de mim: Por que não morrer logo aqui? Foi a única vez que pensei em suicídio. Não víamos, em torno de nós, nenhum motivo de ser moços, nenhum motivo de morrer por alguma coisa. Vivíamos intoxicados de sibaritismo, citando paradoxos de Wilde, ou perversidades de Anatole France, olhando com profundo desdém a mediocridade ambiente e sonhando sempre com evasões transoceânicas. Tivemos uma mocidade sem mocidade. Tivemos vinte anos sem ter vinte anos. Éramos filhos de uma nacionalidade que se formava, de um Continente que é o futuro, de uma raça que começa apenas a desenvolver-se e, entretanto, carregávamos em nossos peitos um coração de vencidos da vida, uma alma de desencantados e decadentes. E não era só dos mestres de ironia que nos vinha o desfado... Era também por não vermos, em torno de nós, uma grande Causa decisiva, a que nos entregássemos.

16. VILLAÇA, **O Pensamento Católico no Brasil**, apud Senna, p. 98.

Amoroso Lima transformou a lembrança deste momento numa belíssima crônica intitulada *Frente a João Paulo II*, publicada no *Jornal do Brasil*, em 1º de agosto de 1980. Alceu é bem claro em reproduzir o clima que pairava não apenas sobre seu espírito, mas no de toda uma geração profundamente marcada pelo desencanto ou, como disse Musset: *pela dor de viver*. Um pouco do clima de mal-do-século que é assecular, isto é, não é a morte que mata, porém a própria vida e os seus dissabores; nas palavras de Schopenhauer: “estamos condenados a viver”. Certamente, foi por isso que Amoroso Lima evocou este momento decadentista da cultura ocidental, fase esta marcada justamente pelo grande hiato da vida moderna, o vazio existencial.

E neste afã caminhava o Tristão de Athayde nas suas intermináveis dúvidas quanto à correta decisão a ser tomada, os prós e os contras de um sim ou um não. Num outro momento de desabafo com Jackson, Alceu confessa o seu cansaço em relação a este momento da sua vida que ele sempre chama de *calvário* ou *Via Crucis*¹⁷:

Agora mesmo escrevi ao Franca, pedindo-lhe que me receba amanhã. Vou com muita angústia. Com muita dúvida. Com muita hesitação. Mesmo pensando que é uma simples visita de cortesia. Mas no fundo a alma espera mais. E hoje de manhã, ao murmurar a prece cotidiana com que procuro a Deus, não me olvidei de implorar, se é possível que um mísero verme da terra possa ser escutado (aonde??!!), se transcendentalize a esse ponto – pedi que realmente desse encontro possa vir a nascer futuramente qualquer coisa de mais sério para meu pobre coração desamparado, e quase sempre triste.

O historiador das religiões, Charles Taylor, faz uma interessante afirmação a respeito desses difíceis momentos¹⁸:

A estrada que leva do inferior ao superior, a mudança crucial de direção, passa pela atenção que prestamos a nós mesmos enquanto interior. Uma frase famosa sintetiza muitas outras: “não vá para fora, volte para dentro de si mesmo. No homem interior mora a verdade”.

17. Ibidem, **Correspondência – Harmonia de Contrastes**, p. 231.

18. TAYLOR, Charles, **A Secular Age**, p.185.

É justamente isso que aconteceu com Alceu enquanto ele passou pelo seu deserto espiritual, a busca por Deus teve início a partir de uma busca dentro de si próprio, onde ele se (re)encontrou consigo mesmo, deparou-se com seus fantasmas metafísicos, ultrapassando as grossas paredes do seu *cast;elo interior*, para usar uma expressão cara a Santa Teresa de Jesus, uma das maiores místicas do Catolicismo. Por isso, a esperança na conversa com o Pe Leonel Franca, acompanharam-lhe a *angústia*, a *dúvida*, a *hesitação*.

Finalmente, Alceu não resistiu mais, rendeu-se ao motivo da sua busca que há tantos anos o perseguia. Formalizou o seu retorno ao Catolicismo numa missa na igreja dos jesuítas, no Humaitá, presidida pelo Pe. Franca, como ele informou a Jackson nesta carta de 16 de agosto de 1928, dia seguinte a sua “redescoberta” da fé¹⁹:

Querido Jackson

Conforme lhe disse, recebi ontem a comunhão das mãos do Padre Franca, que tão bem soube encaminhar-me e facilitar-me esses últimos arrancos do homem velho²⁰. Estou portanto de novo na velha Igreja. Que farei por ela? Poderei fazer alguma coisa? São tantas as nuvens no horizonte, dentro de mim e fora de mim! Tanta coisa a pesar-me sobre a alma! Há momentos em que vejo tudo insolúvel. É o que penso neste de agora. Por isso mesmo prefiro deixar as navalhas interiores e tratar de coisas positivas.

O Padre Leonel Franca exerceu uma importante atuação entre inúmeros intelectuais naquele momento, sempre no sentido de arregimentar mais “combatentes” à causa da Igreja. Um intelectual, porém, o Pe. Franca não conseguiu converter mesmo depois de inúmeras investidas: Capistrano de Abreu. É conhecida a atuação do Pe. Franca junto à filha de Capistrano, que era monja carmelita, no sentido de obter a conversão do historiador, tudo em vão, Capistrano

19. Ibidem, **Correspondência – Harmonia de Contrastes**, p. 226.

20. Essa expressão “homem velho” é muito recorrente nos textos católicos para se referir a alguém que passou por um processo de conversão. Seu primeiro uso se encontra nas cartas de São Paulo, quando este afirma ter tirado o “homem velho” que havia dentro de si, isto é, convertendo-se à Verdade Maior que é Cristo. Ao longo da Patrística, os antigos Padres da Igreja também farão largo uso deste termo, sempre fazendo uma dicotomia entre o *antes* e o *depois* da conversão.

não quis sequer receber em sua residência o conhecido padre jesuíta²¹. Após sua experiência de “retorno à Casa do Pai”, Alceu se mostra entusiasmado com a sua nova condição²²:

Tenho estado com o Franca e ele me tem valido em momentos de aniquilamento terrível. Tenho comungado todos os domingos. Isso produz uma verdadeira revolução no espírito. Horas de paz verdadeira, como esta em que estou escrevendo, e que traz sempre a Confissão e a Eucaristia. Neste momento estou sereno. Esperando receber amanhã o Corpo de Cristo com o coração pacificado por algumas horas.

Alguns teólogos e místicos defendem a idéia de que o indivíduo após a sua conversão é uma outra pessoa, o homem velho cede lugar ao homem novo, parafraseando algumas palavras de São Paulo, certamente o melhor exemplo de convertido dentro do Cristianismo. Para o “apóstolo dos gentios”, a conversão implica uma total transformação da pessoa, toda a sua vida terá um antes e um depois bem definidos. Inclusive, nas primeiras comunidades cristãs da Roma antiga, era comum que os catecúmenos (recém-batizados) usassem durante alguns dias uma veste toda branca como símbolo do seu batismo, isto é, como um sinal visível do seu ingresso no “Corpo Místico de Cristo”, que é a própria Igreja.

Nesta perspectiva, a participação nos sacramentos é de fundamental importância, por isso Alceu cita a Confissão e a Eucaristia – reconciliação e participação no banquete do reingresso à fé outrora perdida. Décadas depois, quando escrevia as *Memórias Improvisadas* da sua vida, este evento de 1928 foi minuciosamente lembrado pelo já octogenário Alceu. Acerca do seu momento pós-conversão, lembra ele²³:

De maneira nenhuma minha conversão importou no abandono de minhas outras posições. Ao converter-me, não me recolhi a um porto, mas parti para o mar alto. A minha con-

21. A respeito deste jesuíta, Alceu comenta com Jackson em carta de 18 de outubro de 1927: “Li a carta do Pe. Franca mais do que comovido, humilhado. É o termo. Agora, para agradecer e satisfazer um desejo antigo, eu quisera que você obtivesse dele um encontro comigo. Penso que ele mora no Santo Inácio. Ele que marque uma hora para podermos conversar à vontade. Quero conhecê-lo de perto. E, quem sabe, abrir-lhe um pouco este vulcão íntimo.” Cf. *Ibidem*, p.201.

22. *Ibidem*, **Correspondência – Harmonia de Contrastes**, p.248.

23. LIMA, **Memórias Improvisadas – diálogos com Medeiros Lima**, p. 120.

versão se fez contra a minha vontade. Por quê? Porque eu temia, me convertendo, a perda da liberdade. A conversão e as influências de Jackson sobre mim não chegaram a alterar as minhas idéias liberais anteriores. Continuei sendo o mesmo homem, para quem a idéia de liberdade estava ligada à idéia de justiça. O sentimento da responsabilidade, a tradição deixada por ele, a presença dos amigos comuns me empolgaram. A partir daí caminhei numa outra direção, passando do liberalismo anterior para uma posição ortodoxamente autoritária, baseada no sentimento da disciplina e da ordem. Fui tomado da convicção de que o Catolicismo era uma posição de Direita. Esta era realmente a minha posição à época, uma posição marcadamente de direita, antiliberal, ortodoxamente autoritária. Viria depois a reconhecer o equívoco. A partir de 1938 fiz uma revisão dentro de mim mesmo e voltei politicamente ao que era antes da conversão.

A afirmação de Alceu de que “Ao converter-me, não me recolhi a um porto, mas parti para o mar alto” é deveras intrigante e reveladora. Ao contrário da experiência dos monges e dos tradicionais ascetas, Alceu viu na conversão uma oportunidade de evangelizar, de se tornar fermento no meio da grande massa que é o mundo, que é o cotidiano ordinário de cada um de nós. Daí a metáfora de “partir para o mar alto”, ou seja, de defender, polemizar, comprar todas as brigas da Igreja num contexto intelectual tradicionalmente afeito às influências da mesma.

Este era o programa da Ação Católica Internacional: leigos comprometidos, formados e bem informados na defesa constante da doutrina e da tradição eclesíásticas. Por esta razão, os especialistas na História da Igreja no Brasil afirmam, categoricamente, que estes indivíduos formavam a chamada “Geração de Ouro do Laicato”. Alceu foi, sem dúvidas, a figura mais proeminente desta fase e tal fato se atesta devido à tamanha complexidade que será sua vida após a decisão de voltar ao Catolicismo. Ele sempre insistiu que nada tinha mudado após o dia 15 de agosto de 1928, certamente mais uma demonstração de modéstia do seu espírito, pois afinal muita coisa mudou. Outras permaneceram, como a constante preocupação amorosiana com a justiça social, tema este que estará presente em considerável parte da sua obra, daí a sua afirmação de que “Continuei sendo o mesmo homem, para quem a idéia de liberdade estava ligada à idéia de

justiça”. Liberdade e justiça social, dois pilares ideológicos que Alceu encontrou na obra de Jacques Maritain e que se tornaram ideais a serem defendidos por ele ao longo de toda a sua vida.

Outra interessante declaração a respeito da conversão de Alceu foi dada por Antônio de Alcântara Machado, num artigo sempre lembrado pelo próprio Amoroso Lima e por Francisco de Assis Barbosa, na introdução que este preparou para o livro *Memorando dos 90*, obra comemorativa dos noventa anos de Alceu²⁴:

Afinal de contas, Tristão de Athayde viveu o drama de todos nós. Numa entrevista logo depois da sua volta à Igreja e que (penso eu) nunca chegou a ser publicada, fez ele esta declaração a mim transmitida por quem a ouviu: se não fosse católico, seria comunista. É que a época é de militantes. Cada vez se admite menos a existência dos furta-cores ou multicores. A gente é ou não é. Não é possível mais, hoje, ao intelectual (para não dizer a quem quer que seja, mas sobretudo ao intelectual) aquele alheamento que já foi a regra e chegou a ser orgulho da irritável classe. Agora tudo é ação social. Queira ou não queira, o homem é empurrado para a encruzilhada, posto diante do dilema: tem de decidir, os problemas se apresentam como de vida ou de morte. E chega por isso o momento em que o instinto de defesa acaba vencendo a covardia e o comodismo. Bem mais crítico de idéias e tendências do que de livros e de autores, evadindo-se sempre do particular para o geral, do nacional para o universal, Tristão de Athayde se viu forçado a tomar partido nesse terreno das idéias, das tendências, do geral, do universal. Fixando assim critério único, objetivo, realista, utilitário. Para um homem como ele, a religião não podia ser um refúgio, espécie de seguro de vida paga ao próprio segurado, garantia de uma recompensa futura adquirida por prestações dominicais de comparecimento à igreja e mais raramente anuais, de presença à mesa da comunhão.

Amoroso Lima conheceu Alcântara Machado de forma epistolar, pois o poeta paulista era um dos redatores da *Revista de Antropofagia*, durante a sua segunda “dentição”, na explicação de Oswald de Andrade. Alceu iniciou correspondência com Oswald para travar um debate crítico a respeito dos rumos que

24. LIMA, *Memorando dos 90*, p.10.

o Modernismo estava levando, já que naquele momento (1928), Alceu estava no auge do seu trabalho como crítico literário, tarefa esta que iniciou em 1919. O primeiro contato com Alcântara Machado foi, inicialmente, profissional, já que Alcântara era responsável pelas assinaturas e distribuição da revista. Por isso a ponte com Alceu, uma vez que este tinha interesse em distribuí-la no Rio de Janeiro, como de fato realizou. Aos poucos, a amizade foi crescendo e tal fato é testemunhado pela correspondência que foi trocada entre os anos de 1927 e 1933.

O contato pessoal de Alceu e Alcântara se deu a partir de 1933, quando se reuniu na então capital federal a Assembléia Nacional Constituinte. A Bancada Paulista por São Paulo Unido desembarcou no Rio de Janeiro, ocupando um andar inteiro do Edifício Guinle, na Avenida Rio Branco. Tal Bancada foi dirigida, durante sua permanência carioca, por Antônio de Alcântara Machado, que também se transferiu de São Paulo e passou a residir no Rio, quando seu contato com Alceu se estreitou sobremaneira.

Nas suas cartas a Alceu, que Francisco de Assis Barbosa reuniu no volume *Intelectuais na Encruzilhada*, Alcântara Machado sempre se define como um “torcedor da Igreja”, mas nunca um católico por convicção, como podemos perceber neste fragmento: “Eu sou católico de quatrocentos anos, como meus antepassados, mas não sou militante. Sou apenas torcedor. Aprecio muito que você esteja na luta, no gramado, mas eu só de arquibancada²⁵”. Esta atitude de Alcântara Machado era comum à maioria dos intelectuais, pois esses tiveram formação católica que, aos poucos, foram abandonando, porém cada um conservando dentro de si algum tipo de reminiscência, ainda que apenas uma lembrança.

Ele reconhece a atitude de Alceu em retornar ao Catolicismo mais como uma espécie de “escolha”, de opção, não como uma busca, a peregrinação que de fato foi. Era a época das grandes escolhas pessoais e principalmente um intelectual não podia manter-se no marasmo ideológico, pendendo eternamente sobre a balança das escolhas e decisões – *A gente é ou não é* – afirmou ele con-

25. LIMA, *Memórias Improvisadas – diálogos com Medeiros Lima*, p.145.

tudentemente. São as encruzilhadas da vida que nos empurram e nos obrigam a decidir e assumir as nossas decisões.

Muito ainda poderíamos dizer a respeito deste assunto, um dos mais discutidos por Alceu nos seus diferentes livros de memórias, bem como nos seus inúmeros depoimentos e declarações dadas ao longo da sua vida pública. Sua conversão não foi apenas uma volta à Igreja Católica, mas uma peregrinação religiosa e intelectual acontecida de forma lenta e gradativa, ao sabor de pequenos e grandes acontecimentos do seu cotidiano, da sua própria história.

Ironicamente, Jackson de Figueiredo – um dos principais articuladores da profunda transformação em Alceu – morreu três meses depois da conversão do amigo, no dia 4 de novembro de 1928, num trágico afogamento enquanto ele pescava, na Praia da Joatinga, na companhia do seu filho e de um cunhado.

Conclusão

Hipóteses, argumentos, teses e possibilidades – uma gama de questões salta à leitura deste nosso texto. Por isso, concluir torna-se uma difícil obrigação, já que a idéia de conclusão pressupõe fechamento, decisão, certeza, justamente o oposto do que interpretamos acerca da obra e do pensamento de Alceu Amoroso Lima. Mas ainda assim vejamos se conseguimos estabelecer alguns conceitos.

Alceu teve uma dinâmica trajetória intelectual, cujo divisor foi decididamente a sua volta ao Catolicismo. Vítima de um forte indiferentismo religioso que reinou antes e durante a *Belle Époque*, Amoroso Lima costumava dizer que ele e sua geração se tornaram agnósticos por falta de opção, por quererem dar algum tipo de significado às suas vidas. Logo, o agnosticismo era mais uma reação do que uma escolha. Evidentemente, todo o clima anticlerical típico do século XIX e início do século XX em muito contribuiu para tal estado, quando filosofias e ideologias políticas defendiam a tese de que Deus era um conceito criado pelo Homem, especialmente pela típica necessidade humana de querer entender e alcançar o inalcançável.

Por isso, seu retorno ao Catolicismo foi emblemático, foi uma atitude contrária ao que se esperava de um intelectual naquele momento. Inclusive, a conversão de Alceu produziu críticas negativas no meio da intelectualidade brasileira, pois muitos viram em tal fato um retrocesso, uma possibilidade de fechamento por parte de Alceu ao debate e à vida cultural. Felizmente, deu-se o oposto. Amoroso Lima continuou aberto ao novo, às experimentações estilísticas; todavia, mantinha intactas suas convicções religiosas, eram o seu paradigma de vida.

Alceu foi um artista plural: pensou, analisou e escreveu a respeito de uma quantidade demasiadamente expressiva de assuntos. Seu olhar foi clínico quando analisava a realidade social brasileira, especialmente denunciando aquilo que ele chamava de “o pior escândalo humano”, isto é, a miséria.

Em termos religiosos, foi um católico transpassado pelos valores da divindade e da humanidade. Desde a sua conversão, Alceu foi um apaixonado pela Igreja de Cristo, defendeu-a e proclamou os seus valores. Mas soube viver, ou seja, sua reflexão religiosa evoluiu junto com o tempo, com as mudanças do mundo, com as metamorfoses do pensamento humano. Uma frase de Alceu resume este aspecto: “Mudei e mudei porque vivi, porque viver é mudar.”

E foi mudando a sua atuação, as suas ideologias e a sua maneira de enxergar a vida que Alceu criou uma obra que não envelheceu, que ainda merece reedições e releituras por parte da Crítica.

Envio: 20 mar. 2011

Aceite: 15 mai. 2011

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. de. **Aspectos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A., 1972.

_____. **Cartas de Mário de Andrade a Luis da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.

_____. **Mário de Andrade escreve Cartas a Alceu, Meyer e Outros**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.

_____. **O Empalhador de Passarinho**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

- _____. **Vida Literária**. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1993.
- COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil – Era Modernista**. São Paulo: Global Editora, 1997.
- DOCUMENTOS DE PIO X E DE BENTO XV (1903-1922). Coleção Documentos da Igreja. São Paulo: Paulus, 2003.
- FERNANDES, C. A. de F. **Jackson de Figueiredo – Uma Trajetória Apaixonada**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- LIMA, A. A.. **A Estética Literária e o Crítico**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1954.
- _____. **Estudos – Segunda Série**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
- _____. **Estudos – Quinta Série (1930-1931)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.
- _____. **Memorando dos 90**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- _____. **Memórias Improvisadas – diálogos com Medeiros Lima**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- LIMA, A. A. & FIGUEIREDO, J. de. **Correspondência – Harmonia de Contrastes, Tomos I e II**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1991.
- LUSTOSA, O. de F. **A Presença da Igreja no Brasil – História e Problemas 1500-1968**. São Paulo: Editora Giro, 1977.
- _____. **Os Bispos do Brasil e a Imprensa**. São Paulo: Loyola/CEPEHIB, 1993.
- MARITAIN, Jacques. **Religião e Cultura**. [s.l.], 1930.
- MATOS, H. C. J.. **Nossa História – 500 anos de Presença da Igreja Católica no Brasil**, Tomo 3 – Período Republicano e Atualidade. São Paulo: Paulinas, 2003.
- MORAES, M. A.(org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- MOURA, Dom O. **Idéias Católicas no Brasil: Direções do Pensamento Católico do Brasil no Século XX**. São Paulo: Convívio, 1978.
- RODRIGUES, L. G. **Uma Leitura do Modernismo – Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2003.
- TAYLOR, Charles. **A Secular Age**. Harvard: University Press, 2007.
- THIOLLIER, R. **A Semana de Arte Moderna**. São Paulo: Cupolo, 1930.
- VILLAÇA, A. C. **O Pensamento Católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.